

Miranda July e os objetos como dispositivos em *O escolhido foi você* e *Interfaith Charity Shop at Selfridges*¹

Miranda July and the objects as dispositives in *It chooses you* and *Interfaith Charity Shop at Selfridges*

Miranda July y objetos como dispositivos en *It chooses you* y *Interfaith Charity Shop at Selfridges*

Viviane Baschiroto²

Recebido em: 25/7/2019
Aceito para publicação em: 2/1/2020

¹ Esta pesquisa foi realizada enquanto a autora estava vinculada à Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Programa de Monitoria de Pós-Graduação (Promop), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

² Doutora em Artes Visuais pela Udesc.

Resumo: O artigo trata das obras *O escolhido foi você* e *Interfaith Charity Shop at Selfridges*, da artista norte-americana Miranda July (1974). O texto reflete sobre os objetos presentes nas obras entendidos como dispositivos, pensando o conceito de Giorgio Agamben em seu livro *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Mesmo mudos, os objetos podem ser falantes ao contar sobre sonhos, desejos, motivações e histórias de vidas e atravessar a biografia de quem cruza seu caminho. O texto também discorre, com base em Walter Benjamin, sobre o papel do colecionador, o qual empreende uma luta contra a dispersão. Miranda July é uma colecionadora de biografias, vidas, histórias, dos outros e da sua própria, que por diversos momentos se misturam. No texto ainda são estabelecidas algumas relações para ponderar que os objetos fazem um caminho biográfico, podem ser pensados como testemunhos silenciosos da humanidade. Pensar seu uso na arte contemporânea é também pensar seu empilhamento nos museus. *O escolhido foi você* e *Interfaith Charity Shop at Selfridges* rememoram a biografia das coisas, como restos de experiências humanas. Miranda July faz o jogo de lembrar o passado, imaginar o futuro e revelar um pedaço da sua própria biografia.

Palavras-chave: arte contemporânea; Miranda July; dispositivo.

Abstract: The article discusses the works *It chooses you* and *Interfaith Charity Shop at Selfridges*, by the North-American artist Miranda July (1974). The text reflects about the objects present in the works understood as dispositives, thinking through the concept of Giorgio Agamben in his book *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Even dumb, objects can be talkative when telling dreams, desires, motivations, and life stories and crossing the biography of those ones who cross the path. The text also discusses Walter Benjamin's collector role, since according the author the collector undertakes a struggle against dispersion. Miranda July is a collector of biographies, lives, stories, of other ones and of her own, that mixes in several moments. In the text, some relations are still made to think that objects delineate a biographical path and can be thought as silent witnesses of humanity. Thinking about its use in contemporary art is also to think about its stacking in museums. *It chooses you* and *Interfaith Charity Shop at Selfridges* recall the biography of things, like remnants of human experiences. Miranda July plays the game of remembering the past, imagining the future and revealing a piece of her own biography.

Keywords: contemporary art; Miranda July; dispositive.

Resumen: El artículo discute las obras *It chooses you* y *Interfaith Charity Shop at Selfridges*, por la artista norteamericana Miranda July (1974). El texto reflexiona sobre los objetos presentes en las obras entendidas como dispositivos, pensando el concepto de Giorgio Agamben en su libro *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Aunque mudos, los objetos pueden ser habladores cuando cuentan sobre sueños, deseos, motivaciones e historias de vida y cruzar la biografía de aquellos que cruzan su camino. El texto también discute el papel del coleccionista por la perspectiva de Walter Benjamin, que emprende una lucha contra la dispersión. Miranda July es una coleccionista de biografías, vidas, historias, de otros y también de la suya, y todas se mezclan en varios momentos. En el texto todavía se hacen algunas relaciones para pensar que los objetos hacen un camino biográfico y pueden ser considerados como testigos silenciosos de la humanidad. Pensar en su uso en el arte contemporáneo es también pensar en su apilamiento en los museos. *It chooses you* y *Interfaith Charity Shop at Selfridges* rememoran la biografía de las cosas, como restos de experiencias humanas. Miranda July juega el juego de recordar el pasado, imaginar el futuro y revelar una parte de su propia biografía.

Palabras clave: arte contemporáneo; Miranda July; dispositivo.

INTRODUÇÃO

Miranda July (1974) é uma artista norte-americana que trabalha como cineasta, escritora, artista plástica, atriz e roteirista. O livro *O escolhido foi você* foi publicado em 2011 nos Estados Unidos e em 2013 traduzido e lançado no Brasil em sua primeira edição. Na obra, Miranda July conta que começou a escrever quando estava tentando terminar o roteiro do seu segundo filme e as ideias lhe escapavam. A artista afirma que estava com o roteiro quase pronto, mas procrastinava com diversas coisas, como um folheto de classificados que chegava toda terça-feira chamado *PennySaver*. Em seu livro, ela conta como seu projeto começou, fala sobre suas primeiras motivações e sobre como se relacionava com o folheto de classificados. Ela iniciou o projeto fazendo ligações para as pessoas que estavam anunciando desde jaquetas de couro usadas até ursinhos carinhosos ou mesmo girinos. Joe, uma das pessoas as quais visita, participa depois do filme *O futuro*, aquele cujo roteiro Miranda July procrastinava em terminar quando começou as visitas de *O escolhido foi você*. No lançamento do livro em Nova York, empreendeu uma loja temporária onde revendia objetos de classificados.

Após alguns anos, a artista retomou a ideia de uma loja temporária em 2017 com o projeto *Interfaith Charity Shop at Selfridges*. A loja foi comissionada pela Artangel, organização artística que tem no lema *Extraordinary art / Unexpected places* a identificação de seu objetivo de levar a arte a lugares pouco usuais, fora do circuito galeria-museu. O projeto de Miranda July funcionou por algumas semanas no centro de Londres e revendia toda sorte de objetos de segunda mão. Pensar o uso dos objetos na arte contemporânea é também pensar seu empilhamento nos museus. *O escolhido foi você* e *Interfaith Charity Shop at Selfridges* rememoram a biografia das coisas, como restos de experiências humanas. Os objetos apresentados nas obras da artista podem ser entendidos como locutores de uma narrativa ou biografia, pois carregam consigo uma história. Há um desejo de não os descartar, existe uma vontade de permanência, de sobrevida. Essas e outras reflexões também se fazem presentes na minha tese de doutorado defendida em 2019 no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (Ceart/Udesc) intitulada *Narrativas ficcionais na arte contemporânea: Alessandra Sanguinetti, Miranda July, Ilya Kabakov*, da qual este texto faz parte.

COLEÇÕES E BIOGRAFIAS DE O ESCOLHIDO FOI VOCÊ

Os encontros narrados por Miranda July em *O escolhido foi você* são mediados pelos anúncios de objetos. Mesmo que mudos, os objetos podem se tornar falantes ao revelar sonhos, desejos, motivações e as histórias de vida de seus anunciantes, mas também atravessar a biografia de quem cruza seu caminho. Pauline e Raymond anunciaram nos classificados uma mala grande por vinte dólares. Miranda July percebeu que Pauline morava no bairro de um ex-namorado seu:

Enquanto eu fazia aquele caminho tão familiar, pensei e se fosse a mesma rua, a mesma casa, e se fosse ele mesmo que estivesse vendendo a mala, e se a mala fosse minha, alguma coisa que eu tivesse esquecido, e se eu a comprasse e dentro encontrasse eu mesma criança, ou meu pai criança, ou um filho meu criança, o filho que eu ainda não tinha encontrado tempo para ter? (JULY, 2013, p. 45).

Essa experiência foi, para a artista, uma montagem de tempos, em que ela se lembrou do caminho que havia feito tantas vezes, e nesse trajeto tão familiar imagens de fantasmas do passado e do futuro começaram a povoar sua mente, suas perspectivas do que poderia encontrar naquela casa. Quem Miranda July encontrou foi Pauline, uma senhora de 70 anos que na mesma hora começou a mostrar fotografias e contar histórias de um grupo de cantores amadores da qual fez parte. Ela ainda disse que fez uma operação na orelha em razão de um caroço que tinha células cancerígenas. “E por causa disso perdi um pouco a audição e as coisas ficaram confusas. Não sei qual é o som da minha própria voz” (in JULY, 2013, p. 46). Miranda July então perguntou sobre a mala que ela estava vendendo e o porquê do anúncio. Pauline explicou que precisou vender muitas coisas para ter mais espaço em casa quando seus dois netos foram morar com ela.

Um deles era Raymond, que tinha entre 30 e 40 anos e usava um aparelho de surdez. Raymond contou que entregava manequins para viver; a empresa onde trabalhava alugava, vendia, consertava e fabricava manequins. Pauline disse que Raymond conheceu algumas pessoas famosas, como Cameron Diaz³ e Mark Jenkins⁴, e Raymond mostrou um manequim como Elizabeth Hendrickson⁵, com quem tinha uma foto exposta em seu quarto (figura 1).

Raymond deu vida a um manequim, um boneco, transformou-o à semelhança de uma pessoa real e apresentou esse objeto inanimado como um humanoide. Walter Benjamin (2006), em um dos capítulos de seu livro *Passagens*, escreve sobre “A boneca, o autômato” e, logo no primeiro parágrafo, cita Karl Gröber para lembrar que as bonecas manequins tinham uma grande importância na Paris do século XVII e XVIII, pois eram dadas às meninas como brinquedos depois que haviam cumprido sua função na moda. Qual fascínio tais manequins exerciam sobre essas meninas? Seria o mesmo fascínio que Raymond tem sobre seu manequim com o rosto de uma atriz famosa? Benjamin (2006, p. 734) escreve: “A criança não quer saber de brinquedos fantasmas, mas a maléfica magia desta passagem escorregadia ainda assume, nos dias de hoje, a forma de grandes bonecas animadas”. Quando a criança usa o objeto para uma brincadeira, ele se torna animado, ganha *anima*, alma, pelo tempo que está sendo utilizado. Tanto a criança quando brinca quanto Raymond acabam por dar uma sobrevida fantasmática a esses manequins. Em outro capítulo, refletindo sobre figuras feitas em cera, Benjamin (2006, p. 573) escreve “Morada de sonho” logo após uma anotação sobre o livro *A velha loja de curiosidades*, de Charles Dickens⁶. Seriam os brinquedos morada de sonhos? O momento da brincadeira talvez poderia ser visto como um momento onírico, quando bonecas manequins ganham vida no mundo real e assim trazem parte do mundo dos sonhos, um momento de fantasia na realidade.

Figura 1 – Manequim caracterizado como Elizabeth Hendrickson, na casa de Pauline e Raymond. Foto de Brigitte Sire



Fonte: July (2013, p. 55)

Outra história que Miranda July conta em *O escolhido foi você* é a de Pam, que anunciou no *PennySaver* álbuns de fotografias por dez dólares cada um (figura 2). Pam disse que comprou os álbuns de um amigo havia dez anos e que eles continham fotos de um casal branco e rico, desde a juventude até a velhice. Pam contou para Miranda July que as fotos de viagens do casal pelo mundo todo a inspiravam, pois ela não tinha dinheiro para tirar férias: “E digo: Bem, posso ficar olhando estas fotos; é melhor do que nenhum tipo de férias” (in JULY,

2013, p. 106). Pam contou ainda que não conhecia o casal, mas que gostava de olhar as fotos porque ambos parecem felizes um com o outro. Ela ainda relatou que, por muitos anos, ela e o marido tiveram restaurantes e que, em um deles, havia uma cliente de 95 anos que comia todos os dias no mesmo horário. Pam disse que essa senhora fazia um tipo de trabalho como o de Miranda July: ela ia à casa das pessoas, tirava fotos e conversava. Depois dos 60 anos ela começou a tirar fotos de si mesma todos os dias e guardava em álbuns. No fim da vida, quando faleceu, tinha três quartos cheios de álbuns, e o seu genro jogou todos no lixo. Pam contou que achou isso muito triste e por isso comprou os álbuns do casal feliz; ela não queria que eles acabassem na lixeira como os da senhora que frequentava seu restaurante. Sobre essa história Miranda July comenta:

Com sessenta e cinco anos, uma idade tão avançada, com quase mais nada de feminino, uma mulher decidira se fotografar todos os dias. No mesmo instante isso se tornou uma das minhas obras de arte favoritas, ainda mais porque ela não era Sophie Calle⁷ nem Tracey Emin⁸. [...] E, embora seja óbvio que eu gostaria de ter salvado de algum modo os álbuns, a performance terminaria com a morte dela e com a coleção sendo jogada no lixo (JULY, 2013, p. 112-113).

Figura 2 – Álbuns das fotos de viagens de um casal, da juventude até a velhice, colecionados por Pam. Foto: Brigitte Sire



Fonte: July (2013, p. 108)

⁷ Artista francesa nascida em 1953.

⁸ Artista inglesa nascida em 1963.

Para Miranda July (2013), a *performance* artística dessa senhora tem um grande valor simbólico e artístico, muito maior do que se ela tivesse a pretensão de vender tal ideia como arte, pois seu ato é genuíno. Fazer álbuns de fotografias é uma forma de colecionar memórias. Benjamin (2006, p. 245), em seu capítulo sobre o “Colecionador”, escreve: “Talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão. O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo”. O colecionador organiza os objetos de uma maneira que faça sentido para ele. Para Benjamin, o objeto colecionado não tem mais utilidade, como os álbuns que Pam guardava ou mesmo os álbuns que aquela senhora fez ao longo dos anos, mas tais objetos, essas fotografias reunidas em álbuns, se completam, e completar-se é uma forma de superar seu caráter irracional de existência. Os álbuns como coleções de fotografias entram em um sistema histórico novo, criado para isto: uma coleção.

Assim como Pam e a mulher idosa colecionaram seus álbuns, em *O escolhido foi você* Miranda July colecionou histórias e momentos com diferentes pessoas. A artista não colecionou nenhum objeto palpável, mas episódios íntimos de cada pessoa que entrevistou. Por meio de anúncios de classificados baratos a artista encontrou pessoas que aceitaram dividir um pouco de sua vida, de seus gostos, suas biografias e com essas histórias construiu uma constelação de diálogos. A artista apresentou-nos o seu recorte, a sua coleção, organizada à sua maneira, com suas percepções sobre as visitas que fez.

Miranda July começou por acaso esse caminho de entrevistas, tentando encontrar ajuda para si mesma para terminar um roteiro de filme, e acabou encontrando um outro trabalho naquilo que se propôs a fazer. Colecionar é uma forma de tornar sagrada alguma coisa, pois o objeto é precioso para quem coleciona. Miranda July refuncionalizou essas histórias, trouxe a sua percepção sobre elas e compartilhou sua experiência no livro. E, de certa maneira, as biografias que a artista contou e montou irromperam em sua própria história, fazendo com que as biografias se misturassem numa imagem dialética. Em *O escolhido foi você*, Miranda July utilizou um jornal de classificados gratuito e ligou para pessoas que ofereciam a venda de produtos com pouco valor comercial. A artista não procurou por pessoas que estivessem anunciando imóveis ou carros, itens tão comuns aos jornais classificados, mas entrou em contato com os vendedores de malas, jaquetas usadas, lenços, ursinhos carinhosos etc. Uma boa parte desses produtos era usada, de segunda mão.

Para o lançamento de *O escolhido foi você* em Nova York, Estados Unidos, uma ação que é pouco conhecida, pois possui informações difusas nas notícias sobre o lançamento, foi a criação de uma loja temporária na Partners & Spade⁹, um espaço destinado ao varejo que hoje se ocupa da criação de marcas e *marketing*. A loja temporária funcionou por três semanas entre novembro e dezembro de 2011, segundo Jill Singer, da revista *Sight Unseen*, com uma premissa parecida com o objetivo de *O escolhido foi você*, mas em vez do *PennySaver*, de Los Angeles, se ocupou dos classificados de Nova York:

July vasculhou os classificados de Nova York, comprando os descartes de outras pessoas – como uma coleção de tintas a óleo roubadas ou um par de cascos de cervos taxidermizados – e entrevistando os vendedores para discernir o significado original daqueles objetos antes apreciados¹⁰ (SINGER, 2011).

Além dos itens coletados em Nova York, os cartões de Joe, apresentados em *O escolhido foi você*, também estavam disponíveis para venda. Cada objeto era embalado com o selo de *O escolhido foi você* e vinha acompanhado do trecho de uma entrevista que havia sido feita com o dono do objeto. O valor de venda dos objetos em sua loja era o mesmo pelo qual haviam sido adquiridos por Miranda July. Na figura 3 se vê ao centro um par de tamancos de madeira, souvenir da Holanda feito à mão, à venda por 10 dólares. A entrevista que acompanha o objeto conta sobre as viagens do antigo dono ou dona e de seu desejo de uma próxima

viagem ao Butão. Outro item (figura 4) é uma coleção de 43 tintas a óleo roubadas pelo(a) funcionário(a) de uma loja de arte, sendo vendidas por 4 dólares cada. Na entrevista que acompanhava cada uma das tintas, contava que não tinha a intenção de ser artista, que a tinta a óleo era difícil de usar e que estava obcecado(a) “[...] em ter uma de cada cor, e criar meu próprio display como o que eles tinham na loja, mas eu saí do emprego antes que pudesse chegar a esse ponto”¹¹ (in SINGER, 2011).

Figura 3 – Loja temporária para o lançamento de *O escolhido foi você*, de Miranda July, com diversos objetos. Partners & Spade, Soho, Nova York, 2011



Fonte: Jen (s.d.)

Figura 4 – Tinta a óleo pertencente à loja temporária para o lançamento de *O escolhido foi você*, de Miranda July. Partners & Spade, Soho, Nova York, 2011



Fonte: Jen (s.d.)

OS DISPOSITIVOS QUE CONECTAM RASTROS DE EXISTÊNCIA

Em um de seus trabalhos mais recentes, de uma maneira que talvez tenha ressignificado e trazido novamente à tona essa questão dos objetos de segunda mão, Miranda July empenhou o projeto *Interfaith Charity Shop at Selfridges* (Loja de Caridade Inter-religiosa na Selfridges –

¹¹ No original: “[...] with having one of every color, and creating my own display like the one they had in the shop, but I quit the job before I could get to that point”.

tradução nossa) na cidade de Londres em 2017. A artista foi apoiada pela Artangel, e o projeto consistia em uma loja produzida em parceria com quatro organizações que possuem lojas de caridade na cidade de Londres: Norwood Jewish Charity Shop, London Buddhist Centre Charity Shop, Spitalfields Crypt Trust Charity Shop e Islamic Relief Charity Shop. O dinheiro arrecadado com as vendas da Charity Shop era dividido entre as quatro lojas que deram suporte para o projeto artístico ocorrer.

Na loja de caridade (figura 5) criada por Miranda July havia roupas, calçados, lenços, luvas, fantasias, objetos em geral, como pratos, quadros, livros, brinquedos, pelúcias, bijuterias etc. Em entrevista a Jeremy Deller (2017), em Londres, a artista afirmou, poucos dias após o fechamento da loja, que fez uma lista de coisas que esta deveria ter e outras que gostaria que ela tivesse, mas afirma que a loja era um projeto vivente, de modo que perdia o controle sobre ela. Os produtos eram repostos constantemente pela artista e por funcionárias das lojas de caridade parceiras do projeto. A loja estava situada em uma das extremidades do terceiro andar da Selfridges. Miranda July (*in* DELLER, 2017) lembra que muitas pessoas vão até a Selfridges com pouco dinheiro, apenas como turistas, compram coisas pequenas e saem da loja com as sacolas amarelas características da loja, tornando o estabelecimento um local de fetiche. A Selfridges encontra-se na Oxford Street, endereço famoso por conter muitas opções de compras, e é conhecida por ser uma megaloja de marcas famosas, de maior valor agregado, com setores diversos, restaurantes, cafeterias e até salão de beleza dentro de seis andares que ocupam um quarteirão inteiro.

Figura 5 – Interfaith Charity Shop at Selfridges, de Miranda July (2017)



Fonte: Acervo pessoal

Quando foi convidada para fazer um projeto de arte com a Artangel, a artista afirma (*in* DELLER, 2017) que deparou com a dificuldade de produzir algo fora de seu país e que acabou encontrando o caminho de seu processo de criação ao pensar em sua própria experiência na cidade de Londres. Lembrou-se de como gostava de visitar lojas de caridade, como estas são raras no contexto norte-americano e como, em Londres, há uma quantidade

diversificada de motivações delas. Miranda July (*in* DELLER, 2017) ainda lembra que fazer compras é algo íntimo, pois as pessoas tiram suas roupas, conversam sobre seus corpos e sobre como estão aparentando e que há muitos aspectos emocionais envolvidos.

Assim como na experiência de *O escolhido foi você*, na loja de caridade há um desejo de não descartar os objetos pura e simplesmente. Almeja-se que aquele objeto seja interessante para outra pessoa, mesmo que não o seja mais para seu dono inicial. Há uma vontade de permanência, de sobrevida. Os objetos vendidos, tanto os apresentados em *O escolhido foi você*, no livro e na loja temporária, quanto os vendidos na Charity Shop, funcionam como dispositivos que conectam histórias e pessoas. Embora em projetos distintos, existe a mesma noção operatória, e Miranda July escapa à lógica capitalista, apresentando objetos de segunda mão e dando enfoque a eles, os quais migram de uma casa para outra, construindo um rastro de histórias.

Tanto o movimento que Miranda July faz em *O escolhido foi você* por meio do jornal *PennySaver*, o modo como lança o trabalho, quanto as vendas por meio da Charity Shop podem ser pensados como dispositivos que acionam algum sentido. Giorgio Agamben (2009) discute o conceito de dispositivo e segue uma linha cronológica vindo desde o conceito de oposição entre “religião natural” e “religião positiva” de Hegel, que Hyppolite debate, e mais tarde Michel Foucault (1926-1984) pensa a *positivé* que se liga ao dispositivo que Agamben discute. A discussão está em torno daquilo que é natural para o ser humano e do que é imposto ao indivíduo exteriormente. Agamben (2009, p. 33) afirma que Foucault investiga “os modos concretos em que as positivities (ou os dispositivos) agem nas relações, nos mecanismos e nos ‘jogos’ de poder”. Trata-se de pensar os poderes que funcionam numa rede de dispositivos, historicamente determinados e não universais; certos dispositivos funcionam em certas sociedades.

Mais adiante o autor traz o termo grego *oikonomia*, que “significa em grego a administração do *oikos*, da casa, e, mais geralmente, gestão, *management*” (AGAMBEN, 2009, p. 35). O termo foi usado também na história da teologia cristã para definir a Trindade na religião, que constitui o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Os “dispositivos” de que fala Foucault estão de algum modo conectados com esta herança teológica, podem ser de alguma maneira reconduzidos à fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e práxis, a natureza ou essência e a operação por meio da qual ele administra e governa o mundo das criaturas (AGAMBEN, 2009, p. 38).

Pode-se pensar então que o dispositivo de um artista concentra e organiza o ser e a práxis, a fatura e o pensamento, e também que o artista se rege pela *oikonomia*, um conjunto de saberes e fazeres. *Oikonomia* seria esse “conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens” (AGAMBEN, 2009, p. 39). Podemos pensar que Miranda July se rege por esse conjunto de saberes e fazeres quando produz as ações de *O escolhido foi você* e coloca em prática a Charity Shop, gerando esses dispositivos que conectam objetos e histórias.

O dispositivo produz subjetividades, produz sujeitos. A potência da obra de arte está relacionada com o que ela, enquanto dispositivo, pode despertar. “Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Miranda July, portanto, faz seus projetos funcionar como dispositivos, capturando, orientando, possibilitando gestos e condutas, interceptando objetos e pessoas.

Para Agamben, o mundo capitalista vive um excesso de subjetividades, e Miranda July

apresenta, em *O escolhido foi você* e na *Charity Shop*, pessoas, histórias, organizações e objetos que rompem com essa lógica de consumo. De certa forma, quando acontece a revenda dos produtos, há uma profanação, um contradispositivo que, para Agamben (2009, p. 45), seria “restituir ao livre uso dos homens”. O contradispositivo restitui ao uso comum aquilo que havia sido separado e dividido como divino; é a parte dos deuses devolvida aos homens. A compra de algo usado ou com pouco valor apresentado nos projetos de Miranda July pode ser entendida dessa maneira, como uma forma de profanação de tal consumo. A arte é uma profanação que se coloca como dispositivo para acionar outras coisas, como em *O escolhido foi você* ou na *Charity Shop*, que funcionam como meios para se pensar sobre a biografia, a coleção, o consumo. São dispositivos de vidas alheias, apresentando os objetos em um determinado ponto de sua história.

Pam, com os álbuns de fotografias, guardava as memórias de pessoas que nunca tinha conhecido, de um casal sempre sorridente nas fotos, mas queria se desfazer deles para ganhar mais espaço em sua casa, embora não desejasse que acabassem no lixo como os da senhora que almoçava em seu restaurante. Guardar memórias de outrem faz lembrar os museus históricos, os quais armazenam objetos que um dia foram significativos para alguém, mas cujo valor agora não está mais relacionado à íntima afetividade de seu dono, e sim ao seu valor histórico para uma população em geral. É um caminho biográfico que o objeto faz do pessoal para o público.

Os objetos podem contar muitas histórias, e é isso que Neil MacGregor (2013) afirma com seu livro *A história do mundo em 100 objetos*, uma publicação que mostra objetos e obras de arte do British Museum, em Londres, os quais perpassam a história da humanidade. MacGregor (2013) afirma que os objetos podem agir como testemunhos silenciosos da humanidade e que também seriam moventes, adquirindo diferentes significados ao longo da história. Eles podem ter muitas vidas, como o objeto de número 94 que o autor apresenta, um “tambor de fenda sudanês” (figura 6), que foi criado na África Central e “deve ter integrado à orquestra da corte de um poderoso chefe. Seu formato é o de um búfalo de chifre curto [...]” (MACGREGOR, 2013, p. 673-676). O autor acrescenta que o tambor deve ter ido parar em Cartum por conta do tráfico de escravos, tendo sido confiscado por caçadores de escravos ou mesmo usado como pagamento ou presente e que, “assim que chegou à cidade, começou um novo capítulo de sua vida ao ser reformado para tomar seu lugar nessa sociedade islâmica” (MACGREGOR, 2013, p. 67). Foi nesse período que foram feitos os flancos retangulares nas suas laterais. O autor ainda narra uma série de disputas políticas da região africana, resultando em uma investida da Grã-Bretanha comandada por Horatio Herbert Kitchener em 1898, na qual morreriam mais de onze mil homens do lado sudanês. MacGregor (2013) lembra que o tambor, encontrado pelas tropas de Kitchener perto de Cartum, foi talhado mais uma vez, agora com o emblema da coroa britânica, e dado de presente à rainha Vitória.

O tambor sudanês é um bom exemplo de como um objeto pode ter muitas vidas, pertencer a muitas histórias, testemunhar muitos acontecimentos. Sua extensa biografia não se resume à sua origem, nem ao local de seu destino final, mas sim perpassa distintos momentos da história da humanidade, seja revelando disputas e conflitos, seja pensando no uso do objeto, que de tambor passou a ser um troféu de guerra.

Figura 6 – Tambor de fenda sudanês, da África Central (1850-1900) – 270 cm de comprimento, c. 80 cm de altura



Fonte: MacGregor (2013, p. 674-675)

As roupas e objetos usados que Miranda July utiliza em seus projetos, ou mesmo os diversos objetos que as pessoas estavam comercializando em *O escolhido foi você*, podem estar longe de ter a mesma grandeza e riqueza histórica que o tambor sudanês, mas, cada um à sua maneira, também possuem uma trajetória e contam um pouco de cada pessoa que os detém. Miranda July interroga o empilhamento impiedoso de objetos nos museus, a maneira como as coisas são depositadas neles. O artefato museológico, em um primeiro momento, não foi pensado para estar nos museus; antes disso ele foi uma ânfora, um objeto de guerra, um ícone religioso... O que Miranda July faz é justamente interpelar tais questões, pensando o objeto expositivo e a contemporaneidade. Os álbuns que Pam coleciona falam de uma cultura e tempo, diferentes da mala que Pauline vende ou dos manequins de Raymond. Os objetos podem, portanto, carregar biografias e histórias diferentes em si mesmos. *O escolhido foi você* e a *Charity Shop* rememoram a biografia das coisas, como restos de experiências humanas.

CONSIDERAÇÕES

Os objetos podem, portanto, ser portadores de histórias, sejam eles de interesse da humanidade, como o tambor sudanês do British Museum, sejam de interesse puramente privado, como os objetos que Miranda July apresenta em seus projetos. Podemos pensar que o testemunho não seria exclusividade dos seres vivos, mas que os objetos também são capazes de tal habilidade, mesmo em sua mudez, desvelada por historiadores ou curiosos como Miranda July. E os objetos olham para nós e nos moldam, nos deformam. Entramos em contato com dezenas de objetos todos os dias, e eles fazem parte de nossa biografia.

A relação entre os seres vivos e seus objetos, entendidos aqui como dispositivos, resulta em sujeitos, quando Agamben (2009, p. 41) afirma:

[...] temos assim duas grandes classes, os seres vivos (ou as substâncias) e os dispositivos. E, entre os dois, como terceiro, os sujeitos. Chamamos

sujeitos o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos.

Os encontros biográficos de *O escolhido foi você* são apenas possíveis por meio dos objetos que os atravessam. O objeto, enquanto dispositivo, permite o encontro com o desconhecido, fazendo com que a artista se lance em um caminho iluminado por seus anúncios. E, a princípio desprovidos da fala, mostram-se locutores de narrativas biográficas que se atravessam.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **“O que é o contemporâneo?” e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte; São Paulo: Editora UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DELLER, Jeremy. **Miranda July in conversation with Jeremy Deller**. Entrevista com Miranda July. Londres, 19 out. 2017. Disponível em: <https://www.artangel.org.uk/project/interfaith-charity-shop>. Acesso em: 2 jan. 2020.

JEN, Tiffany. **Miranda July: It chooses you**. S.d. Disponível em: <https://www.tiffanyjen.com/miranda-july>. Acesso em: 2 jan. 2020.

JULY, Miranda. **O escolhido foi você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACGREGOR, Neil. **A história do mundo em 100 objetos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SINGER, Jill. **Miranda July's Resale Shop at Partners & Spade**. 2011. Disponível em: <https://www.sightunseen.com/2011/11/miranda-julys-resale-shop-at-partners-spade>. Acesso em: 2 jan. 2020.